

## VIVÊNCIA ACADÊMICA E A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DE TERAPIA OCUPACIONAL

### Academic experience and mental health of students of occupational therapy

### Experiencia académica y salud mental de estudiantes de terapia ocupacional

**Roberta Liz Neto de Menezes Campos**

<http://orcid.org/0009-0006-4569-0588>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Adrielly Pereira de Oliveira**

<http://orcid.org/0009-0009-3384-2849>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil.

**Thelma Simões Matsukura**

<http://orcid.org/0000-0003-3812-3893>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

**Teresinha Cid Constantinidis**

<https://orcid.org/0000-0001-9712-3362>

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Terapia Ocupacional, Vitória, ES, Brasil; Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

#### Resumo

**Introdução:** A saúde mental de estudantes universitários tem sido alvo de preocupação social em decorrência da elevada prevalência de transtornos mentais entre este grupo. Além de alto índice de reprovação, trancamento e evasão universitária, verifica-se estresse, ansiedade, depressão, drogadição, suicídio entre esses jovens. **Objetivo:** compreender a vivência acadêmica de estudantes de terapia ocupacional e identificar conteúdos e práticas do curso que afetam a saúde mental, na perspectiva dos estudantes do curso. **Método:** participaram 25 estudantes de diferentes universidades e períodos do curso de terapia ocupacional. Foram realizadas sessões de grupo focal, que foram transcritas e analisadas por meio do software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). **Resultado:** foi identificado que o sofrimento psíquico vivenciado por esse grupo está relacionado à densidade de conteúdo nas disciplinas, às especificidades da formação, às horas de estudos demandadas pelo curso, à preocupação com os direitos dos sujeitos assistidos e destacam a sensação de invisibilidade experimentada ao se identificar como estudante de terapia ocupacional. Os docentes do curso se apresentam solícitos para a escuta e acolhida das demandas dos estudantes, realizadas informalmente. **Conclusão:** Ao abordar tal tema com estudantes de terapia ocupacional, cuja caracterização mostra -se próxima, comum, ao grupo ampliado de estudantes universitários, o presente estudo colabora com os estudos e ações de saúde mental de acadêmicos de outros cursos e com seus formadores.

**Palavras-chave:** Estudantes. Saúde Mental. Terapia Ocupacional.

#### Abstract

**Introduction:** The mental health of university students has been the subject of social concern due to the high prevalence of mental disorders among this group. In addition to the high rate of failure, dropping out and dropping out of university, there is stress, anxiety, depression, drug addiction and suicide among these young people. **Objective:** to understand the academic experience of occupational therapy students and identify course contents and practices that affect and/or strengthen mental health, from the perspective of course students. **Method:** 25 students from different public universities and occupational therapy course periods participated. Three focus group sessions were held, which were transcribed and analyzed using the IRAMUTEQ software (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). **Result:** it was identified that the psychological suffering experienced by this group is related to the density of content in the subjects, the specificities of the training, the hours of study required by the course, the concern with the rights of the people assisted and highlight the feeling of invisibility experienced by the identify as an occupational therapy student. The course teachers are willing to listen and welcome the students' demands, carried out informally. **Conclusion:** When approaching this topic with occupational therapy students, whose characterization appears to be close, common, to the expanded group of university students, the present study collaborates with the mental health studies and actions of academics from other courses and their trainers.

**Keywords:** Students. Mental health. Occupational therapy.

#### Resumen

**Introducción:** La salud mental de los estudiantes universitarios ha sido objeto de preocupación social debido a la alta prevalencia de trastornos mentales en este grupo. Además de la alta tasa de reprobación, abandono y deserción universitaria, existe estrés, ansiedad, depresión, drogadicción y suicidio entre estos jóvenes. **Meta:** comprender la experiencia académica de los estudiantes de terapia ocupacional e identificar los contenidos y prácticas del curso que afectan y/o fortalecen la salud mental, desde la perspectiva de los estudiantes del curso. **Método:** Participaron 25 estudiantes de diferentes universidades públicas y períodos de la carrera de terapia ocupacional. Se realizaron tres sesiones de grupos focales, que fueron transcritas y analizadas mediante el software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). **Resultado:** se identificó que el sufrimiento psicológico experimentado por este grupo está relacionado con la densidad de contenidos en las asignaturas, las especificidades de la formación, las horas de estudio requeridas por el curso, la preocupación por los derechos de los sujetos asistidos y resaltados. la sensación de invisibilidad que experimenta quien se identifica como estudiante de terapia ocupacional. Los docentes de la carrera están dispuestos a escuchar y aceptar las demandas de los estudiantes, realizadas de manera informal. **Conclusión:** Al abordar este tema con estudiantes de terapia ocupacional, cuya caracterización parece ser cercana, común, al grupo ampliado de estudiantes universitarios, el presente estudio colabora con los estudios y actuaciones en salud mental de académicos de otras carreras y de sus formadores.

**Palabras clave:** Estudiantes. Salud mental. Terapia ocupacional.

#### Como citar:

Campos, R. L. N. M.; Oliveira, A. P.; Matsukura, T. S; Constantinidis, T. C. (2024). Vivência acadêmica e a saúde mental de estudantes de terapia ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(2), 10.47222/2526-3544.rbt61898.

## Introdução

A saúde mental de estudantes universitários tem sido alvo de preocupação social em decorrência da elevada prevalência de transtornos mentais entre este grupo de jovens. A adaptação à universidade pode ser um processo que causa sofrimento, emergindo conflitos que podem resultar em sofrimento psíquico e, no extremo, processo suicida. Assim, em decorrência do sofrimento entre estudantes, além de alto índice de reprovação, trancamento e evasão escolar universitária, verifica-se estresse, ansiedade, depressão, drogadição, suicídio entre esses jovens (Carleto et al., 2018).

Ademais, durante a pandemia da COVID-19 e o distanciamento social, com suspensão de aulas presenciais, estudantes universitários tiveram mudança drástica no convívio acadêmico, além de preocupações quanto às atividades práticas e ao tempo de formação, podendo trazer agravos à saúde mental dessa população. O impacto psicológico causado pela pandemia de COVID-19 tem sido um disruptor crítico, causando nos estudantes transtornos de ansiedade e depressão, entre outros (Araújo et al, 2020; Cao et al, 2020).

Estudo realizado no ano de 2014, com 136 mil estudantes, 14% do total de alunos de 53 universidades federais brasileiras, verificou que 80% tiveram dificuldades emocionais no ano anterior à coleta de dados, sendo 58% relacionadas a quadros ansiosos, 45% a sentimento de desânimo, 32% a insônia/alterações de sono, 23% a sentimento de desamparo/desesperança, 21% a sentimentos de solidão, 13% a problemas alimentares e 11% a medo/pânico (Fonaprace, 2016).

Destaca-se que com a democratização e expansão de acesso à universidade, estudantes em condições socioeconômicas precárias têm maiores condições de alcançarem o ensino superior. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), a partir de 2007, criou estratégias de garantia de permanência de grupos historicamente discriminados nas instituições universitárias como negros, indígenas e pessoas em condições socioeconômicas fragilizadas, por meio da implementação de políticas de ações afirmativas. No entanto, é importante considerar que o objetivo não deve ser apenas a igualdade de acesso à universidade, mas também a permanência destes estudantes. Nesse contexto, destaca-se a escassez e insuficiência de auxílios universitários, imprescindíveis, não apenas para a permanência na universidade, como também para a construção de projetos de vida. Construção de cotidianos potentes, a partir do qual o sujeito assume o protagonismo de sua vida, dentro e fora da universidade (Silva & Bregalda, 2018).

No governo de Jair Bolsonaro, como resultado da gerência das políticas voltadas ao ensino superior, as universidades públicas brasileiras enfrentaram momentos de crise com a redução de verbas para sua manutenção básica, com bolsas cortadas, obras paralisadas e contas pendentes, além de não terem recebido verbas públicas para darem conta do atendimento especial a estudantes no acompanhamento das exigências de cursos superiores (Franco & Maranhão, 2020). Estes estudantes apresentam-se especialmente sobrecarregados e/ou desprotegidos no contexto da universidade que os recebe.

Sobre as variáveis sociodemográficas, é importante destacar que são significativamente associadas à prevalência de transtornos mentais. Estudo de Andrade et. al (2012) aponta que o nível socioeconômico e de gênero estão associados a uma probabilidade significativamente aumentada de transtornos mentais.

Pesquisa do FONAPRACE (2018) aponta que 70,2% dos estudantes de universidades federais possuem faixa de renda mensal familiar per capita de até um e meio salários-mínimos. Não foram encontrados dados atuais referentes ao perfil socioeconômico das/dos estudantes de Terapia Ocupacional. No entanto, como exemplo, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) possuía 47% de estudantes de terapia ocupacional com renda familiar de zero a dois salários-mínimos (Borba et. al, 2020).

Estudos apontam que o sexo feminino, comparado ao sexo masculino, traz maior incidência de Transtornos Mentais Comuns e estresse (Ferreira et. al, 2016; Medeiros et. al, 2018). Neste sentido, é importante considerar que 90% do alunato do Curso de Terapia Ocupacional é composto por alunas do sexo feminino (Brasil, 2004), dado que corrobora a maior representatividade feminina no ensino superior, principalmente em cursos da área da saúde (Inep, 2013). Constantinidis e Matsukura (2021a) destacam a importância de maior contextualização e aprofundamento sobre as questões que envolvem as (os) estudantes de terapia ocupacional. Além de questões relacionadas ao fato de serem em sua maioria mulheres, sobre as questões de gênero, de raça/etnia, condição socioeconômica, é importante destacar a diversidade de estruturas e acessos à universidade, a estrutura curricular do curso e seus reflexos na saúde mental destas/destes jovens.

A fim de contribuir com estudos e ações em prol da saúde mental de acadêmicos da terapia ocupacional, esta pesquisa tem como objetivo compreender a relação entre a vivência universitária de alunas e alunos de terapia ocupacional e a saúde mental destes estudantes, na perspectiva desses atores. Busca-se também identificar conteúdos e práticas do curso que afetam e/ou fortalecem a saúde mental, na perspectiva das/dos estudantes.

## **Método**

Este estudo é parte de pesquisa mais ampla (Constantinidis & Matsukura, 2021b), aprovada sob parecer nº 4.022.960, pelo Conselho de Ética em Pesquisa de universidade federal da região sudeste do país. Participaram 235 estudantes de terapia ocupacional de diferentes instituições, de diferentes regiões do país, sendo 99,05% oriundos de Instituição de Ensino Superior (IES) pública e 0,05% oriundos de IES particulares.

A etapa apresentada é a referente aos grupos focais, realizados após a fase inicial de coleta de dados online. No final do questionário, o participante deveria indicar o interesse em dar continuidade em sua participação no estudo através da participação desta etapa da pesquisa. Assim, foi feito contato, por e-mail, com 82 participantes que manifestaram interesse nesta fase da pesquisa. Destes, 47 estudantes confirmaram interesse e disponibilidade nos dias e horários indicados pela pesquisadora. Os participantes foram distribuídos em três grupos, dois deles com 16 participantes e um com 15 participantes. No entanto, nem todos compareceram e os grupos foram realizados com média de oito participantes por grupo. Cada grupo participou de uma única sessão.

Assim, participaram dos grupos focais 25 estudantes, oriundos de diferentes universidades, todas públicas, e de diferentes períodos do curso de terapia ocupacional. Os participantes eram de diferentes gêneros, 21 mulheres, três homens e um homem transexual, todos solteiros, com idade média de 21 anos. Quanto à cor/raça, 20 participantes se auto definiram como brancos e cinco como pardos.

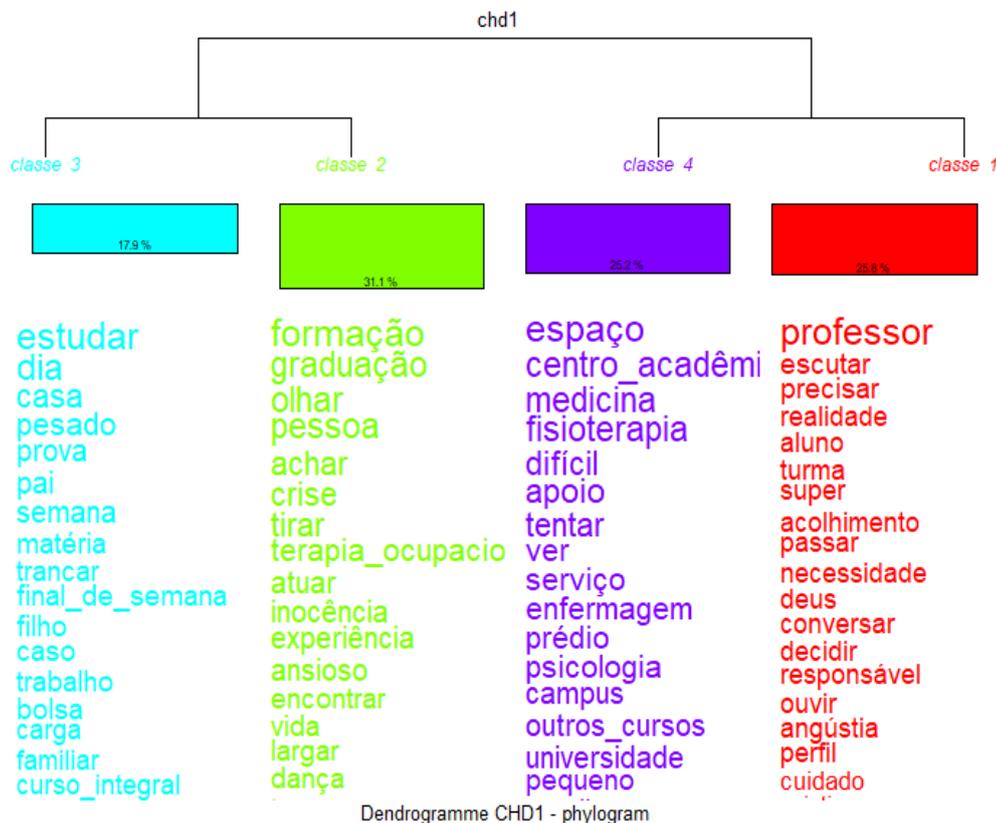
Destaca-se que o grupo focal é uma técnica de coleta de dados que se apoia na interação entre seus participantes. A sessão grupal acontece a partir de tópicos que são colocados para discussão, que visa reunir informações sobre um assunto específico (Kinalski et al., 2017).

As sessões de grupo focal foram realizadas no mês de dezembro de 2020, de forma remota, por meio de videochamada por Google Meet, tendo a pesquisadora responsável pelo projeto como coordenadora do grupo e duas alunas orientadas pela pesquisadora como observadoras. Os encontros tiveram duração de 90 minutos, em média; foram gravados e posteriormente transcritos. Os tópicos norteadores da discussão foram: cotidiano acadêmico de estudante de terapia ocupacional, aspectos positivos e negativos da formação em terapia ocupacional, aspectos do curso que oferecem risco à saúde mental da/do estudante, aspectos do curso que se constituem como fatores protetivos à saúde mental da/do estudante.

A análise dos dados foi realizada tendo como ferramenta de análise o software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Este software consiste em um "programa informático gratuito, que permite diferentes formas de análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas de indivíduos por palavras" (Camargo & Justo, 2013, p. 513).

Os textos obtidos por meio da transcrição das três sessões de grupo focal foram reunidos e transformados em um único *corpus* textual que foi submetido à análise. Foi utilizada para análise textual a técnica Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que classifica os segmentos de texto de acordo com seus vocabulários, pela semelhança e diferença entre si e entre os segmentos de texto das outras turmas, obtendo as classes de texto (Camargo & Justo, 2013). Além disso, é possível recuperar no corpus original os segmentos de texto associados a cada classe.

## **Resultados e Discussão**



**Figura 1:** Dendrograma das classes lexicais.  
**Fonte:** Software Iramuteq.

O corpus elaborado com as transcrições dos grupos focais, submetido ao software Iramuteq, resultou em 463 segmentos analisados, com aproveitamento de 80,66% do material. A análise de CHD das palavras ativas produziu quatro classes lexicais divididas em dois grandes grupos. O Grupo A é formado pelas classes 2 e 3 e o Grupo B representado pelas classes 1 e 4. Este resultado está demonstrado no dendrograma acima (Figura 1), que apresenta as quatro classes lexicais obtidas pela classificação hierárquica descendente sobre a relação entre a vivência universitária de estudantes de terapia ocupacional e a saúde mental.

Observa-se que o Grupo A (Classes 2 e 3) se refere ao processo individual da/do estudante na formação e o Grupo B (Classes 1 e 4) se refere ao curso, sua relação com o espaço social acadêmico e ações em relação à saúde mental das/dos estudantes.

As classes lexicais receberam as seguintes nomeações: **Classe 1 - (21, 8%):** Acolhimento da/do estudante; **Classe 2 - (31, 1%):** Entendendo o sofrimento; **Classe 3 - (17, 9%):** Aspectos do curso que afetam a saúde mental da/do estudante; **Classe 4 - (25, 2%):** Espaço da/do estudante de terapia ocupacional na universidade. Os nomes das classes foram elaborados de forma subjetiva pelas pesquisadoras com base na composição das palavras predominantes, buscando-se representar as ideias de cada classe. A seguir, cada classe é analisada separadamente.

## Aspectos do curso que afetam a saúde mental da/do estudante

O dendrograma traz em sua primeira partição a classe 3 e 2. A classe 3 descreve aspectos inerentes ao curso de terapia ocupacional que os participantes apontam como interferindo na saúde mental dos estudantes à medida em que atravessam seu cotidiano e suas relações. As palavras *estudar, dia, casa, pesado e prova* retratam a relação das dificuldades enfrentadas pelas/pelos estudantes, como densidade de conteúdo nas disciplinas, conteúdo estudado, sobrecarga de estudo em relação ao cotidiano das/dos estudantes. A conjunção de tais aspectos resulta em exaustão, com a totalização do tempo na dedicação ao curso e falta de tempo para descanso, conforme relatado nos segmentos de texto abaixo:

[...] eu moro muito longe da universidade, eu passo às vezes uma hora e meia, duas horas, até chegar lá e quando a gente chega lá, já cansada, exausta, de ônibus, de ter estudado a noite anterior e a gente vem ainda com uma enxurrada de informações pesadíssimas em nossa cabeça, do sofrimento do outro, de dores que a gente tem que carregar, de coisas que a gente tem que aprender para lidar com a dor do outro, enfim. Conteúdo pesadíssimo, situações que a gente vive em nosso Brasil [...].

[...] até chegar lá e quando a gente chega lá já cansada exausta de ônibus de ter estudado na noite anterior e a gente vem ainda com uma enxurrada de informações pesadíssimas em nossa cabeça [...].

De acordo com estudos apresentados em revisão de escopo sobre a saúde mental de estudantes de terapia ocupacional (Constantinidis & Matsukura, 2021a), o curso de terapia ocupacional traz sobrecarga e alguns fatores são destacados como vinculados à essa situação, o que pode trazer agravos à saúde mental destas/destes estudantes. A literatura aponta que a especificidade do curso e a área de conhecimento são significativos em relação à prevalência de sofrimento psíquico entre universitários, sendo que estudantes da área da saúde são mais afetados (Carvalho et al., 2015). Ademais, os estudos com esta população têm destacado a relação entre o sofrimento psíquico destes jovens e o fato do convívio com sofrimento e a dor, pertinentes à formação da área (Facundes & Ludemir, 2005; Carvalho et al., 2015). Estas/estes estudantes entram em contato com os limites trazidos pela realidade da população atendida, percebendo as implicações e limitações de seu conhecimento (Facundes & Ludemir, 2005)

A carga horária extensa das disciplinas e estágios, associado à alta demanda de estudo fora do ambiente universitário, também é retratado como um aspecto do curso que gera sofrimento, conforme ilustrado nos segmentos de texto a seguir:

[...] tem o final de semana, mas no final de semana é tanta disciplina, é tanta coisa, que a gente fica assim: eu tenho que estudar para prova tal, tem trabalho para não sei que dia, mas esta matéria eu estou atrasada e vou estudar também. Então o seu final de semana é estudar sem um tempo de lazer, de descanso e a gente não pode aproveitar esse tempo.

[...] de manhã e à tarde é voltado pra faculdade, final de semana fica muito restrito” porque ainda tem outras coisas da faculdade pra resolver e acaba que você não consegue ter tantos momentos de prazer tantos momentos de lazer também sabe [...].

Essa/esse estudante tem seu tempo de lazer ocupado por horas e horas de estudo, geralmente com conteúdo denso. Assim, perde seus momentos de descanso do fim de semana quando já está exausto da rotina cansativa da semana. Os estudantes atribuem ao período de estágio ou à sobrecarga gerada pelas atividades acadêmicas do curso os fatores estressores (Sanches et al, 2018; Murakami et al, 2019). Constantinidis e Matsukura (2021a) destacam que o estágio curricular, assim como os encargos decorrentes das atividades acadêmicas, é também fator de estresse em outros cursos da área da saúde. É importante notar que o estágio como fator de sobrecarga e/ou estresse não foi destacado pelas/pelos participantes nesta etapa do estudo. Aprender a organizar e conciliar os encargos decorrentes das atividades acadêmicas e estágios curriculares com a vida pessoal, estabelecendo momentos de descanso, lazer, além de relações interpessoais satisfatórias, que possibilitem trocas de experiências e frustrações vivenciadas durante a graduação, são comportamentos complexos e almejados ao longo de toda a vida acadêmica (Sahão & Kienen, 2021).

O gerenciamento do cotidiano acadêmico, que pode ser considerado um fator protetivo para a saúde mental do estudante universitário, ainda não é uma realidade para os graduandos em terapia ocupacional participantes da pesquisa. Com isso, destaca-se a emergente necessidade das Instituições de Ensino Superior (IES) e dos docentes terapeutas ocupacionais desenvolverem, junto ao alunato, propostas de intervenção, que tragam recursos e suporte, a fim de proporcionar um melhor gerenciamento do cotidiano – um dos objetos da Terapia Ocupacional – e um maior cuidado com a saúde mental destes estudantes.

Em relação ao contexto social, as/os participantes destacam a baixa renda como realidade destas/destes estudantes. O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) define a Vulnerabilidade Acadêmica como o conjunto de fatores socioeconômicos, culturais, psicológicos, familiares, cognitivos e institucionais que criam dificuldades para a permanência do discente no ambiente acadêmico e favorecem a sua evasão (Brasil, 2010). Alguns destes fatores estão implícitos nas narrativas dos estudantes participantes da pesquisa, sobretudo daqueles que sofrem com a falta de recursos financeiros.

[...] o curso integral é muito longo, muito extenso. E os estudantes daqui a maioria dos estudantes de Terapia Ocupacional, são de baixa renda. Então não conseguem trabalhar, dependem dos pais. Então isso causa um sofrimento muito grande, né? Essa coisa de querer ajudar em casa e não conseguir trabalhar e fica nessa, né? Trancar o curso? Fazer algumas disciplinas e prolongar minha graduação? Então esta é uma questão muito grande entre os estudantes aqui.

[...] quando eu fui para a Terapia Ocupacional, meus colegas com noventa por cento de baixa renda, a maioria vinda de favela, é uma coisa que eu não tinha esse contato. Foi a primeira vez que tive contato com pessoas, quando a pessoa fala assim para mim: amanhã não vou poder vir

para aula porque não vou ter dinheiro para pagar a passagem. Foi uma coisa inusitada para mim, eu nunca tinha escutado isso na minha vida [...].

O fato de a graduação em terapia ocupacional ser em período integral, por exemplo, realidade de grande parte dos cursos de terapia ocupacional no Brasil, impossibilita o estudante de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, sem trancar ao menos uma disciplina ou encarar o risco de uma reprovação. Além do mais, alguns estudantes precisam se deslocar diariamente de uma cidade para outra, por não residirem próximo à universidade, ou até mesmo precisam se mudar para a cidade ou estado, onde se situa a universidade.

A escassez de recursos financeiros para sobrevivência, bem como para realização pessoal, fazem com que esta situação muitas vezes contribua com o mau desempenho no cumprimento das atividades curriculares. Este é um importante fator de estresse e sofrimento mental para aquela/aquele estudante que precisa/deseja ter uma renda, para os que moram com os pais, para os que dependem e sobrevivem do auxílio universitário como bolsas de projeto de extensão e iniciação científica ou ainda, para aqueles que precisam realizar estágios remunerados durante a graduação (Zbuinovicz & Mariotti, 2021).

### **Entendendo o sofrimento**

A classe 2 traz elaborações realizadas por estudantes de terapia ocupacional que participaram do grupo focal, ou seja, explicações realizadas a respeito de aspectos específicos da graduação em terapia ocupacional que geram sofrimento mental ao alunato. As palavras *Formação e Graduação* aparecem em maior destaque nesta classe.

Algumas características do curso de terapia ocupacional são abordadas pelas alunas e pelos alunos participantes da pesquisa, tais como a influência das abordagens teórico-metodológicas de cada campo de atuação, podendo resultar em posturas profissionais distintas a depender da atuação ser no campo da saúde mental, do campo social ou do campo das disfunções físicas, além dos diferentes ciclos de vida abordados na graduação:

[...] Isso coloca a gente em uma disposição de vestir diferentes papéis, porque um terapeuta ocupacional que vai atuar com crianças, ele tem uma certa postura, ele tem um certo tratamento, ele tem uma certa ideologia, mas um terapeuta ocupacional que vai atuar num CAPS já muda, nem que for um pouquinho, mas já muda a postura, já muda o tratamento e às vezes é muito discrepante a mudança. Então, é a mesma formação.

Em relação ao segmento de texto acima, é importante destacar que a atuação em diferentes campos/áreas faz parte da profissão. O curso de terapia ocupacional tem como perfil de egresso um profissional com formação generalista, humanista, capaz de analisar de forma crítica-reflexiva e atuar na reintegração de pessoas, grupos e coletivos em suas atividades cotidianas atuando nos campos da saúde, educação, assistência social, previdência social, esporte, lazer, justiça, trabalho, cultura e meio ambiente coletivos (Brasil, 2002).

As alunas e alunos participantes diferenciam o curso de terapia ocupacional de outros cursos, principalmente dos cursos da área da saúde. Destacam peculiaridade do “olhar” da terapia ocupacional:

A TO tem um olhar diferente para os indivíduos, suas especificidades, para olhar as pessoas de outra forma, entendendo e pensando o cotidiano delas”.

[...] é de você olhar o outro independente de suas limitações. Então tem sempre um jeito de você fazer aquilo respeitando seus limites.

Além do olhar diferenciado, as/os estudantes destacam a preocupação com os direitos dos sujeitos assistidos pela terapia ocupacional e referem à formação a mudança operada nos estudantes na forma de abordagem da realidade da população atendida:

Às vezes eu sinto que só a graduação em terapia ocupacional não dá conta porque a terapia ocupacional representa mudar as coisas, mudar a realidade, o cotidiano das pessoas que por algum motivo estão excluídas e/ou marginalizadas. Aí envolve a garantia de direitos também...

A terapia ocupacional em si faz você ter uma percepção diferente. Eu acho que a gente se transforma em seres questionadores e problematizadores.

Lima (2003) destaca o compromisso ético-político dos terapeutas ocupacionais com a população atendida. Para a autora, para este compromisso, que envolve a afirmação da diferença e defesa dos direitos dos sujeitos atendidos, é preciso entrar em conexão com o sofrimento dessas pessoas para que seja possível encontrar caminhos potentes e inclusivos.

Estas questões relativas à especificidade da terapia ocupacional, a perspectiva dos/das estudantes como futuros profissionais responsabilizados pela população atendida traz o receio de não saber atuar na profissão, conforme exemplificado no segmento de texto a seguir:

Eu fico pensando, se eu atuar em um presídio. Será que eu saberia atuar? Eu acho que não me sinto preparado para isso, apesar de ser um campo de atuação da nossa área

Ainda que as/os participantes deste estudo se refiram ao curso de terapia ocupacional, é importante destacar que entrar em contato com os limites trazidos pela realidade de uma condição de saúde desfavorável, com uma situação de vida vulnerável, e/ou demandas emocionais dos usuários, percebendo as implicações e limitações de seu conhecimento, não é exclusivo da/do estudante de terapia ocupacional, mas é próprio dos cursos da área da saúde (Facundes & Ludemir, 2005). Além disso, o estudo de Souza et al. (2017) aponta que a necessidade de desenvolver habilidades para as atividades específicas do curso e incerteza na aquisição de aprendizado para se tornar um bom profissional são fatores de risco para estresse e adoecimento de estudantes universitários.

Além disso, ao ingressar na graduação em Terapia Ocupacional, as/os discentes deparam-se com um modelo de ensino-aprendizagem que abrange metodologias ativas, abordagens reflexivas e problematizadoras, notadamente diferenciado da estrutura de ensino tradicional firmada na cultura avaliativa (Klein et al., 2019). Contudo, apesar dos inúmeros aspectos positivos, a busca e

implementação destas alternativas, que superem o modelo tradicional de ensino, também impõem aos estudantes uma complexa adaptação e adequação às propostas dos cursos de terapia ocupacional, instituídas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Isso valida, de certa forma, a percepção dos estudantes de terapia ocupacional de se considerarem problematizadores.

Para as alunas e alunos, o desconhecimento e falta de reconhecimento da profissão são mais um fator gerador de estresse e ansiedade, que atravessa o cotidiano do estudante de terapia ocupacional, conforme ilustrado no seguinte relato:

Eu acho que um pouco de você pensar no futuro, do medo do futuro, de você se formar e a falta de reconhecimento, porque a Terapia Ocupacional não é tão conhecida, o que é a Terapia Ocupacional. Eu acho que este medo é uma das coisas que acaba dando certo nervoso durante a graduação [...].

Muita gente fala, os professores também falam: Vocês têm que defender a profissão, você tem que saber explicar. Você sabe o que é Terapia Ocupacional? E isso também já é uma pressão a mais. E tem outra questão que pode deixar ansioso que é Espera aí, como eu vou trabalhar? Onde eu vou me especializar? Qual a minha área de interesse? E isso vai deixando a gente muito ansioso também, muito estressado.

A invisibilidade e os preconceitos associados à profissão podem gerar impactos na autoestima dos estudantes, afinal, a maior parte deles não conheciam a terapia ocupacional antes de ingressarem na graduação, ou ainda, se questionam se realmente estão apropriados do fazer do terapeuta ocupacional. Pesquisa realizada com estudantes evadidos do curso de Terapia ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (Silva & Bregalda, 2018) indica que o desconhecimento da profissão é uma das principais causas de evasão do curso.

A palavra "achar" surge enquanto processo de elaboração das/dos estudantes sobre os aspectos da graduação que contribuem para o sofrimento delas/deles:

Posso falar? Eu acho que também aqui a gente fica até a noite e isso se torna muito porque a gente fica muito tempo na faculdade e a gente não consegue ter contatos, a gente perde muitas amizades neste tempo, eu acho.

Mais uma vez aparece a totalização do tempo atribuído à formação, aqui é destacado como prejudicial à sociabilidade da/do estudante fora do ambiente universitário. O ingresso na universidade é um período em que o jovem se distancia do núcleo familiar e amigos ao se inserir em um contexto novo, que requer adaptações e responsabilidades. O contexto de ingresso à universidade demanda aos estudantes a necessidade de estabelecer novas relações e redes de suporte, autonomia, solucionar exigências relacionadas ao conteúdo abordado nas disciplinas, entre outras.

Além das novas responsabilidades acadêmicas, alguns estudantes ainda vivenciam os impactos de integrar-se a um novo ambiente e contextos por vezes geradores de vulnerabilidade, colocando o jovem em posição de protagonista de sua própria vida. A necessidade de sair de casa, se distanciar dos familiares, o deslocamento para outro estado ou cidade onde a universidade se situa, bem como o

deslocamento diário via transportes coletivos, expõem os estudantes a hábitos de vida inadequados e aumentam o risco de estes sofrerem prejuízos à saúde mental e física.

Ainda relacionado à administração do tempo, aparece a necessidade de renunciar a atividades realizadas antes do ingresso na graduação:

[...] então eu acho que a gente perde muitas coisas que a gente gosta, como a dança para mim que era minha paixão. Era, eu vou lá relaxar na dança, só que eu perdi o momento de relaxar.

O cotidiano se constrói e se reconstrói a partir das atividades realizadas pelos sujeitos, intrínsecas ao seu contexto social, suas particularidades e subjetividade. As diferentes áreas que constituem a vida cotidiana, como o trabalho, lazer, relações sociais, e todos os papéis ocupacionais exercidos por cada indivíduo, são fontes de reflexão sobre como os sujeitos compõem seu cotidiano. Portanto, compreender as dimensões do cotidiano e o fazer humano é o que permite ao sujeito reconhecer-se e ser reconhecido; é onde se descobrem seus interesses e potencialidades; é narrar a história de vida de cada um.

A vida cotidiana dos participantes desta pesquisa é preenchida pela práxis acadêmica e por desafios da juventude enquanto fase de transição, de desenvolvimento psicossocial, da adolescência para vida adulta. Por meio desta categoria de análise, notou-se que, práticas de lazer, descanso e autocuidado, são ocupações dificilmente vivenciadas ao cursar terapia ocupacional. No presente estudo, a falta de tempo relatada pelos participantes é caracterizada pela restrição à prática de atividades prazerosas para a/o estudante.

Ocorre, então, uma reorganização do cotidiano destes estudantes em torno das demandas universitárias, deixando em segundo plano atividades, tais quais música, dança, esportes, lazer, sono tranquilo e de qualidade e práticas de autocuidado. A privação de tais vivências, determinantes na promoção da saúde mental e inerentes a formação humana, além de repercutir negativamente no processo de produção de vida desses estudantes, também transgride o artigo 6º da Constituição Federal do Brasil, que estabelece o lazer enquanto direito social (Brasil, 1988). Entende-se que o lazer ainda se configura como meio de emancipação com grande potencial de formação e educação humana. Ademais, compete às IES garantir o acesso e exercício dos direitos sociais de estudantes/cidadãos, viabilizando as práticas de lazer dentro e fora do ambiente universitário (Ribeiro & Marin, 2012).

### **Espaço da/do estudante de Terapia Ocupacional na universidade**

A classe 4 traz a relação do "espaço" que o/a estudante de terapia ocupacional ocupa na área da saúde e as consequências das barreiras físicas e atitudinais deste espaço para a saúde mental desta/deste estudante. Os "centros acadêmicos" das universidades participantes desta pesquisa, segundo relatos das/dos estudantes, quando existentes, possuem estrutura física precária e escassez de recursos financeiros para sua manutenção. As universidades que possuem centro acadêmico de terapia ocupacional, geralmente compartilham-no com a *fisioterapia* e/ou *outros cursos*, visando a divisão das despesas e o aproveitamento dos poucos espaços/salas disponíveis.

Então, porque o campus é focado mais nos outros cursos que são da área da saúde, acho que a gente fica muito sem espaço, sem lugar, sem se reconhecer no próprio campus e por vezes o nosso curso teve que ocupar esses espaços, mesmo, sabe?

Com base nas falas dos estudantes, o curso de *medicina* ocupa um lugar de privilégio dentro dos campi. Laboratórios, dispositivos tecnológicos e salas de aula que deveriam ser destinados a todos os cursos, geralmente são vistos como patrimônios da medicina, como confirma fala de estudante:

[...] as salas estão vazias e a gente não pode ter aula naquele lugar e a gente tem que ir para uma sala minúscula, colocar tipo quarenta, cinquenta pessoas em uma sala minúscula enquanto uma grande está vazia, mas ela está agendada para o pessoal da medicina.

No trecho acima, é possível observar a existência de uma soberania atrelada à medicina, uma das profissões historicamente apropriadas por classes sociais com maior poder aquisitivo (Veras et al., 2020). Como citado anteriormente, não foram encontrados dados atuais referentes ao perfil socioeconômico das/dos estudantes de Terapia Ocupacional, mas é uma profissão com menor status social e, empiricamente, observa-se que o curso é composto por grande parte de estudantes com baixo perfil socioeconômico. Diante dos relatos destas considerações e dos privilégios reservados ao curso de medicina, conforme relatado, infere-se que a universidade reproduz a desigualdade social em que as pessoas com maior poder aquisitivo têm maior acesso a recursos e bens.

Os espaços de *convivência* dos campi, maioritariamente, são descritos como restritos, *pequenos* e escassos. Somado ao fato que enfrentam uma rotina fatigante de estudos, a limitação de espaços de descanso e lazer dentro das universidades, intensificam-na como um lugar de sobrecarga mental e física.

A palavra *apoio* também possui relevância dentre as falas dos estudantes, que a utilizam para se referirem às possibilidades de encontrar espaço de apoio e acolhimento dentro da universidade. Uma das possibilidades são os serviços de atendimento psicológico e psiquiátrico disponibilizados por algumas universidades:

[...] eu fui uma das pessoas que procurei apoio ao aluno no serviço psicológico psiquiátrico, então é um serviço que eu nunca tinha usado nos três anos de graduação.

No entanto, parece que estes serviços nem sempre contemplam todas as demandas, seja por falta de vagas ou da proposta do serviço prestado.

### **Acolhimento da/do estudante**

A classe 1 se encontra na mesma partição que a classe 4, relacionando-se com esta na medida em que traz palavras que representam a necessidade de um espaço de acolhimento para as/os estudantes. A palavra *professor* aparece em maior frequência na classe 1, representando seu eixo central. As/Os docentes do curso de terapia ocupacional apresentam características singulares e importantes para a manutenção da saúde mental da/do estudante. A partir da análise das falas dos *alunos*, os professores terapeutas ocupacionais costumam ser mais solícitos e abertos para a *escuta* e para a acolhida das

demandas e do sofrimento dos estudantes. As seguintes falas trazem uma noção desta realidade existente na maior parte das universidades participantes:

[...] às vezes, até no meio da aula acho que eles se esforçam muito para ter uma escuta ampliada dos alunos, dos sentimentos, então é aula que tem aluna chorando no meio da aula, e o professor para a aula para ouvir o aluno [...].

[...] tinha professora que antes da aula, meia hora de conversar e perguntar, 'E aí fulano, como você está? Melhorou?'. Eu acho assim, que pelo menos lá eu vejo muito apoio por parte dos professores.

[...] fulano, fulano e fulano. Quem quiser conversar com este professor é só mandar um e-mail e agendar. Então quando eu olhei, tinha, sei lá, noventa por cento dos professores se disponibilizando, de segunda a sábado a conversar com os alunos e não em grupo, individualmente, mesmo [...].

Outra possibilidade de acolhimento colocada pelas/pelos participantes é o estreitamento dos vínculos com os colegas de turma, seja por um aluno passar por uma situação difícil ou quando a turma se acolhem mutuamente em períodos de prova, estágio, bem como em outras situações geradoras de estresse:

[...] acho que quando as coisas apertam mais a gente pode recorrer aos próprios estudantes. A Terapia Ocupacional da [nome da universidade], ela é uma mãe. Como te falei, a gente tem professores que são os tutores, então nenhuma turma está abandonada.

Fora os representantes de turma, a gente tem o CATO, o centro acadêmico. Ele é muito atuante, o nosso centro acadêmico, muito atuante, sempre correndo atrás dos direitos, de todas as coisas

Ainda que exista um importante acolhimento vindo dos docentes terapeutas ocupacionais, o cuidado em saúde mental não se restringe à acolhida dos estudantes por meio da escuta.

[...] tive escuta, sim, me acolheu ali, mas eu senti que ficou meio perdido na escuta.

Para Assis et al. (2021), deve-se englobar práticas e instituições que contemplem demandas de sujeitos que vivenciam desde situações eventuais e isoladas, de sofrimento psíquico, até vivências de média e alta complexidade. A vivência do intenso sofrimento psíquico é comumente relacionada a vivências psicossociais complexas e graves, marcadas por transtornos mentais ou outros adoecimentos que afetam o cotidiano desses estudantes (Assis et al., 2021). Portanto, os espaços de escuta e acolhimento devem ser ampliados e, de fato, estruturados, tanto no âmbito universitário quanto fora dele.

Tal questão aparece na fala de estudantes participantes dos grupos focais, que expressam falta de um suporte mais integral. Para esta aluna, apenas estar aberto para a escuta não é suficiente, sendo necessário algo mais estruturado, como um grupo de acolhimento ou um acolhimento mais individualizado:

[...] eu acho que falta, sei lá, um grupo de acolhimento para poder acolher de fato estes estudantes, entender as demandas e ser um lugar de escuta e que isso seja desde o início, desde quando você entra lá no curso até o final. E eu acho que falta, não sei como é nas outras universidades, não sei se tem, mas aqui não tem um grupo assim e seria de extrema significância.

A palavra *realidade*, que aparece em quarto lugar no dendrograma, diz respeito aos cenários e cenas que retratam tanto a realidade muitas vezes marginalizada que atravessa o cotidiano do público atendido pela terapia ocupacional, quanto à situação do curso de terapia ocupacional e da categoria profissional, conforme discutido em outros núcleos. Além disso, diz respeito à realidade das/dos alunos no período em o que a pesquisa foi realizada em 2020, ou seja, a realidade da pandemia de covid-19. A pandemia e o isolamento social contribuíram para o aumento do stress e ansiedade do estudante de terapia ocupacional à medida que a/o estudante deparou-se com a falta do cotidiano acadêmico pré pandemia, preocupação com as atividades acadêmicas, dificuldade de acompanhamento do ensino remoto, preocupação financeira e com familiares (Constantinidis & Matsukura, 2021b). Tal situação, somada a outras já discutidas, reafirmam a necessidade de atenção e cuidado à saúde mental destas/destes estudantes, conforme ilustrada nas falas abaixo:

É uma coisa reativa, mas que foi necessária é que a terapia ocupacional tem mostrado que nossa realidade não é um arco-íris, não é o paraíso que a gente pensa.

### **Considerações Finais**

Os resultados retratam que as dificuldades enfrentadas pelas/pelos estudantes estão relacionadas à densidade de conteúdo nas disciplinas e o próprio conteúdo estudado, o que torna cotidiano destes estudantes, exaustivo. As alunas e alunos destacam a diferença do "olhar" da terapia ocupacional em relação aos demais cursos, sobretudo da área da saúde, associado à ideia de que os estudantes de terapia ocupacional se tornam pessoas questionadoras e problematizadoras. Junto a isso, a preocupação com os direitos dos sujeitos assistidos pela terapia ocupacional, além do medo de não saber lidar com pessoas e atuar como um terapeuta ocupacional, como pontos que causam sofrimento psíquico. Destacam, ainda, a sensação de invisibilidade com o estudante.

Para as/os participantes, os docentes de Terapia Ocupacional apresentam características singulares e importantes para a manutenção da saúde mental do estudante, pois costumam ser mais solícitos e abertos para a escuta e para a acolhida das demandas e do sofrimento dos estudantes. No entanto, ressaltam que acham que a escuta e o acolhimento feito de maneira informal não são suficientes, que seria necessário algo mais estruturado, como um grupo de acolhimento ou um acolhimento mais individualizado. Destacam, também, a importância de espaços de convivência, como importante ponto de encontro, trocas e apoio entre estudantes.

Ao abordar tal tema com estudantes de terapia ocupacional, cuja caracterização mostra-se próxima, comum, ao grupo ampliado de estudantes universitários, buscou-se contribuir também com os estudos e ações de saúde mental de acadêmicos de outros cursos e com seus formadores. Como limitação deste estudo aponta-se o número limitado de sessões de grupos focais, podendo haver a ocorrência de tangenciamento de questões importantes. Destaca-se a necessidade de aprofundar, em estudos futuros,

as especificidades do curso de terapia ocupacional, das particularidades do grupo de estudantes, elucidando os diferentes fatores e indicadores associados à saúde mental deste grupo.

## Referências

- Andrade, L. H., Wang, Y. P., Andreoni, S., Silveira, C. M., Alexandrino-Silva, C., Siu, E. R., Nishimura, R., Anthony, J. C., Gattaz, W. F., Kessler, R. C., & Viana, M. C. (2012). Mental disorders in megacities: findings from the São Paulo megacity mental health survey, Brazil. *PLoS One*, 7(2), e31879, 1-11. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0031879>
- Araújo, F. J. O, Lima, L.S. A., Cidade, P. I. M., Nobre, C. B., & Rolim Neto, M. L. (2020). Impact of Sars-Cov-2 And Its Reverberation in Global Higher Education and Mental Health. *Psychiatry Res*, 288, e112977, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112977>
- Assis, A. D., Ribeiro, G. M., do Reis, V. W., Vaz, M., Anselmo, N. C., & dos Santos Neto, E. R. (2021). ABRACE-Grupo de acolhimento e cuidado dos estudantes da UFOP. *Além dos Muros da Universidade*, 6(1), 44-54. <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/4241/3627>
- Borba, P. L., Bassi, B. G. C., Pereira, B. P., Vasters, G. P., Correia, R. L., & Barreiro, R. G. (2020). Desafios práticos e reflexivos para os cursos de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(3), 1103-1115. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN2110>
- Brasil (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.
- Brasil (2002) Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES 6*, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Diário Oficial Uniao, Brasília.
- Brasil. (2004). Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior SINAES: bases para uma nova proposta da educação superior. *Revista da Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior*, 9(1), 9-111. <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/avaliacoes-e-exames-da-educacao-superior/sinaes-2013-bases-para-uma-nova-proposta-de-avaliacao-da-educacao-superior>
- Brasil. (2010). *Decreto n. 7.234*, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil-PNAES. Diário Oficial da União, Brasília.
- Bresolin, J. Z., Dalmolin, G. D. L., Vasconcellos, S. J. L., Barlem, E. L. D., Andolhe, R., & Magnago, T. S. B. D. S. (2020). Depressive symptoms among healthcare undergraduate students. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 28, e3239, 1-10. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3210.3239>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em psicologia*, 21(2), 513-518. <https://doi.org/10.9788/TP2013216>

- Cao, W., Fang, Z., Hou, G., Han, M., Xu, & X. Dong (2020). The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. *Psychiatry Res*, 287, e112977, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>
- Carleto, C. T., de Moura, R. C. D., Santos, V. S., & Pedrosa, L. A. K. (2018). Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. *Revista eletrônica de Enfermagem*, 20, 1-11. <http://doi.org/10.5216/ree.v20.43888>
- Carvalho, E. A. D., Bertolini, S. M. M. G., Milani, R. G., & Martins, M. C. (2015). Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior. *Ciênc. cuid. saúde*, 14(13) 1290-1298. <http://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v14i3.23594>
- Constantinidis, T. C., & Matsukura, T. S. (2021a). Saúde mental de estudantes de terapia ocupacional: revisão de escopo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2139, 1-20. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2139>
- Constantinidis, T. C., & Matsukura, T. S. (2021b). Distanciamento social durante a pandemia de COVID-19: Impactos no cotidiano acadêmico e na saúde mental de estudantes de terapia ocupacional. *Revista Sustinere*, 9(2), 603-628. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2021.57991>
- Facundes, V. L. D., & Ludermir, A. B. (2005). Common mental disorders among health care students. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 27 (3), 194-200. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462005000300007>
- Ferreira, C. M. G., Kluthcovsky, A. C. G. C., & Cordeiro, T. M. G. (2016). Prevalência de Transtornos Mentais Comuns e fatores associados em estudantes de Medicina: um estudo comparativo. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40 (1), 268-277. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v40n2e02812014>
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (2016). *IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras - 2014*. [https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduansodas-IFES\\_2014.pdf](https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduansodas-IFES_2014.pdf)
- Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRACE. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior – ANDIFES (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES*. [https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduansodas-IFES\\_2018.pdf](https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduansodas-IFES_2018.pdf)
- Franco, C. D. & Maranhão, F. (2020). A teocratização, privatização e militarização no Governo Bolsonaro: perspectivas antidemocráticas e contrárias à educação. *Mandrágora*, 26(1), 203-224.
- Inep, C. (2013). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Nacional da Educação Básica*. Diário Oficial da União, Brasília.

Lima, E. M. F. A. (2003). Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 14 (2), 64-71. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i2p64-71>

Murakami, K., Panúncio-Pinto, M. P., Santos, J. L. F., & Troncon, L. E. D. A. (2019). Psychological stress in students from undergraduate courses in health professions: contribution to promote mental health. *Revista de Medicina*, 98(2), 108-114. <http://doi.org/10.3390/ijerph18126611>

Kinalski, D. D. F., Paula, C. C. D., Padoin, S. M. D. M., Neves, E. T., Kleinubing, R. E., & Cortes, L. F. (2017). Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. *Revista brasileira de Enfermagem*, 70 (2), 424-429. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0091>

Klein, N. A., & Ahlert, E. M. (2019). Aprendizagem baseada em problemas como metodologia ativa na educação profissional. *Revista Destaques Acadêmicos*, 11(4), 1-10. <http://dx.doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v11i4a2019.2398>

Medeiros, M. R. B., Camargo, J. F., Barbosa, L. A. R., & Caldeira, A. P. (2018). Saúde mental de ingressantes no curso médico: uma abordagem segundo o sexo. *Revista brasileira de educação médica*, 42 (3), 214-221. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n3RB20170008>

Ribeiro, G. M., & Marin, E. C. (2012). Universidades Públicas e as Políticas de Esporte e Lazer. *LICERE-Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer*, 15(3), 1-39. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2012.711>

Sahão, F. T., & Kienen, N. (2021). Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, e224238, 1-38. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021224238>

Sanches, B. P., Silva, N. R. D., & Silva, M. L. (2018). Avaliação do estresse em estudantes concluintes de terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(1), 153-161. <http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1025>

Silva, B. E. N. da, & Bregalda, M. M. (2018). Fatores associados à evasão de discentes de um curso de Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade De São Paulo*, 29(2), 111-119. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v29i2p111119>

Souza, M., Caldas, T., & De Antoni, C. (2017). Fatores de adoecimento dos estudantes da área da saúde: uma revisão sistemática. *Psicologia e Saúde em debate*, 3(1), 99-126. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V3N1A8>

Veras, R. M., Fernandez, C. C., Feitosa, C. C. M., & Fernandes, S. (2020). Perfil socioeconômico e expectativa de carreira dos estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44 (2), 1-8. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.2-20190208>

Zbainovicz, K., & Mariotti, C. M. (2021). The vulnerabilities of university students: an integrative review. In *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3011> .

**Contribuição dos autores:** R. L. N. M. C.: Elaboração, formatação, análise dos dados, revisão do texto. A. P. O.: Formatação e análise dos dados. T. S. M.: Orientação do trabalho e revisão do texto. T. C. C.: Orientação do trabalho, coleta e análise de dados, revisão do texto.

**Recebido em:** 04/12/2023

**Aceito em:** 08/02/2024

**Publicado em:** 30/04/2024

**Editor(a):** Ricardo Lopes Correia